



Figura 1



Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Artes (IdA)
Departamento de Artes Cênicas (CEN)

MIA URIELLEN SARAIVA CONSTANTINO

**RE-EXISTIR E RE-CRIAR O LUGAR DA *PERFORMANCE DRAG* NA ARTE
DA VIDA**

Brasília, 2018



MIA URIELLEN SARAIVA CONSTANTINO

**RE-EXISTIR E RE-CRIAR O LUGAR DA *PERFORMANCE DRAG* NA ARTE
DA VIDA**

Trabalho de conclusão do curso de
Artes Cênicas, habilitação em
Bacharelado, do Departamento de
Artes Cênicas do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Luis Carlos Ribeiro
dos Santos

Brasília, 2018

Trabalho de Conclusão do Curso (Monografia), autoria de Mia Uriellen Saraiva Constantino, sob o título: **RE-EXISTIR E RE-CRIAR O LUGAR DA PERFORMANCE DRAG NA ARTE DA VIDA**, apresentada como requisito para obtenção do grau de Bacharelado em Artes Cênicas da Universidade de Brasília, em 03 de dezembro de 2018, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Orientador: Prof. Dr. Luis Carlos Ribeiro dos Santos (IdA – CEN – UnB)

Prof^a. Mestra Mariana Ramos Soub de Seixas Brites (IdA - VIS – UnB)

Prof^a. Mestra Juliana Lima Liconti (IdA – CEN – UnB)



*Dona de divinas tetas
Derrama o leite bom na minha cara
E o leite mau na cara dos caretas
(Caetano Veloso)*

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço a todas as pessoas que cruzaram meu caminho e de alguma forma colaboraram para que eu chegasse até aqui. A todas as pessoas que me apoiaram e acreditaram em mim, por mais doida que eu pareça. Obrigada a você que acreditou nos meus sonhos e me incentivou a não desistir deles. Obrigada pelas vivências trocadas, os laços criados e amores vividos. Obrigada pelas festas que curtimos, os beijos trocados e todo o aprendizado que engrandeceram meus passos. Obrigada a quem sempre estive ao meu lado e obrigada a você que se dispõe a caminhar comigo e fortalecer nossa luta. Obrigada por ter presenciado meus momentos de calma e desespero, alegrias e tristezas, sonhos e fantasias. Aqui encerro um ciclo muito importante na minha vida e eu não faço ideia do que está por vir, mas eu acredito que se colocarmos nossa alma e nosso coração em um sonho, o universo conspira para nos ajudar a torná-lo real.

RESUMO

Neste trabalho abordo a relação que tenho com a *performance* e com a arte da *drag queen*, que ajudou a transformar a minha identidade, assumindo o atual lugar de corpo e lugar de fala que ocupo hoje. Foi através do fazer *drag* como artista *performer* que comecei a explorar as possibilidades artísticas e expressivas que me foram barradas. No cotidiano, usando roupas comuns, porém, num corpo incomum para a sociedade, experimento olhares, insultos, ofensas e agressões, atitudes de um estado de LGTBfobia que está impregnada na sociedade. As experiências de não pertencer a algo ou a algum lugar são comumente sentidas através da minha existência. Quando vou à formatura das amigas e sofro transfobia pelos seguranças do evento. Ou quando subo num ônibus lotado e a cobradora ou qualquer outro passageiro começam a me fotografar com seus celulares, apenas por estar de saia e com batom. Levo, então, para tais locais a *performer drag queen*, através de vivências experimentadas no cotidiano da cidade de Brasília, Distrito Federal, para construir uma pesquisa prática na perspectiva da performance arte e em busca de elementos conceituais para este trabalho.

Palavras-chave: Performance Arte; Performatividade de Gênero; *Performance*; *Drag Queen*; *Performance Drag*; Corpo e Linguagem.

ABSTRACT

In this work, I approach the connection between Performance Art and the Drag Queen Art, a meeting that helped the transformation of my identity, building the sense of 'place of speech' and 'place of body' that I occupy today. It was through the use of Drag as a 'performer-artist' that I started to explore the artistic and expressive possibilities that were not allowed to me. On regular days, wearing regular clothes on a body that is not regular to the society I live in, I experience prejudice through side eye, insults, offenses e aggressions, doings of a state where the LGBTQphobia is part of the society. The experience of not belonging to something or somewhere is already part of my existence. When I go to someone's graduation I suffer from transphobia by the security team of the place, or when I get a bus full of people and the moneycounter or someone else starts to take photos of me, just because I'm using lipstick or a skirt. I take to these places the art of drag, through my own living, experiencing on the daily base of Brasília - Federal District, building my research daily on the perspective of performance art, and searching for concepts to this work.

Keywords: *Performance Art, Performance of Gender, Drag Queen, Performance Drag, Body Language*

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS E FIGURAS	10
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
1.1 O que é <i>performance</i> ?	14
1.2 O que é <i>drag queen</i> ?	17
1.3 Como eu separo a <i>performer</i> da <i>drag</i> ?	22
1.4 Até onde vai a <i>performance</i> ?	24
CAPÍTULO 2	
2.1 O corpo como linguagem	26
2.2 O corpo como <i>performance</i>	30
2.3 A <i>performance drag</i> na militância	33
2.4 A <i>performance</i> de gênero baseada na performatividade <i>drag</i>	35
2.5 Vivendo acompanhada pelo medo	37
CONCLUSÕES	39
DICIONÁRIO PAJUBÁ	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS	44

LISTA DE IMAGENS E FIGURAS

Figura 1 - Votação Final PEC55 e Ato na Esplanada dos Ministérios no dia da votação final da PEC55, em 13.12.2016. **FOTO: Mídia Ninja** (p.1)

Figura 2 – Desfile na Exposição Ultraje, na Universidade de Brasília, em 3.10.2017. **FOTO: Louani Badu** (p. 21)

Figura 3 – Durante o evento Latinidades, que aconteceu em maio de 2016, em Brasília. **FOTO: retirada da internet na época, não registrei o autor** (p.24)

Figura 4 – Comentários retirados da postagem da foto na página da Mídia Ninja no *Facebook* em dezembro de 2016. (p. 29)

Figura 5 – Show do Culto das Malditas na festa Brégula, ocorrido no dia 17.11.2017 em Brasília. **FOTO: desconhecido** (p. 33)

Figura 6 – Durante o XX Encontro Nacional dos Estudantes de Artes que aconteceu dos dias 23.10 a 30.10.2016 em Brasília. **FOTO: Tainá Cary** (p. 34)

Figura 7 – “TEMER JAMAIS!” em alguma rua da Asa Norte em janeiro de 2017. **FOTO: Larissa Souza** (p. 36)

Figuras 8 e 9 – Show do Culto das Malditas no bloco Tuthankasmona & Essa Boquinha Eu Já Beije, em 10.02.2018, Brasília. **FOTOS: Mídia Ninja** (p. 45)

Fotos 10 e 11 - Performance #otroscarnavales realizada pelo Culto das Malditas em 13.02.2018, Brasília. **FOTOS: Mídia Ninja** (p. 46)

Figura 12 – Eu em interpretação da personagem Shiva Moon, resultado da disciplina de diplomação em artes cênicas da UnB, em junho de 2017. **FOTO: Larissa Souza** (p. 47)

Figuras 13, 14 e 15 – Performance “Viramos Purpurina” que realizei durante o sarau da turma de Pensamento LGBT em 2/2016, na Universidade de Brasília. **FOTOS: desconhecido** (p. 48-49)

Figura 16 – Ensaio para a divulgação do Inferninho da Katya Flavya, evento de arte e performance organizado pelo Culto das Malditas e A Pilastra em março de 2018. **FOTO: Elvira Cachorra** (p. 49)

INTRODUÇÃO

Quando comecei a pensar a respeito das hipóteses e questões desta monografia há dois anos, eu tinha uma ideia e um caminho totalmente confuso e emaranhado a ser descoberto. Foram dois anos descobrindo o caminho e lutando contra a teoria de chegar aqui e entregar um trabalho extremamente acadêmico. Hoje depois de enxergar e, o mais importante, viver todo esse caminho, me sinto mais que obrigada a trazer este trabalho mais perto da *minha* realidade.

Escrevo aqui palavras que saem de dentro de um corpo estranho, um corpo marginalizado cansado de ser negado (*ME VEJAM!*), cansado de ser ignorado (*ME OUÇAM!*), cansado de ser atacado (*ME AMEM!*). Corpo que sofre agressões, que matam, queimam e somem. Ainda assim, corpo que resiste. Re-existe. Luta.

Preciso destacar que tenho total conhecimento da importância de autoras conhecidas e constantemente lembradas e mencionadas durante debates sobre esses temas, respeito suas teorias e admiro suas pesquisas. Mas precisamos falar do agora. O que elas acrescentaram vai continuar somando à nossa história, mas precisamos entender que o mundo não para e se renovam seus pesquisadores, historiadores, gente que escreve a nossa história. Eu quero trazer para esse trabalho figuras reais que ajudaram a construir a *minha* história, tratando de vivências pessoais tanto minhas quanto de minhas amigas e irmãs de luta. Somos nós quem fazemos esse *rodejã* e é isso que está construindo a nossa história. Seria muito simples passar por essa vida sem tentar fazer a diferença e a diferença que eu quero ver no futuro começa a ser feita por mim. Por nós.

Atento também que continuamos morrendo todos os dias simplesmente pelos nossos corpos não serem respeitados e aceitos numa sociedade preconceituosa e opressora. Todo dia uma a mais que se vai. A próxima? Não sei se sou eu ou se alguma mana, ou talvez você que está lendo isso. O gatilho está sendo apertado o tempo inteiro, uma hora a bala estoura a nossa cabeça.

Antes de entrarmos nas vias principais dessa jornada preciso fazer um último alerta: quando eu comecei o curso de Artes Cênicas na UnB, aprendi

muito sobre um teatro europeu, com leituras nada fáceis de vários autores, homens, brancos, europeus. Felizmente essa monografia não é sobre eles. Felizmente esse trabalho é sobre mim. Felizmente eu sou *brasileiríssima*, nordestina, nascida em Fortaleza, no meu incomparável estado do Ceará.

Sendo assim, optei por usar uma linguagem que melhor me contempla: o *pajubá*. Tema recém abordado na prova do Enem 2018, o texto usado para abordar a questão explica que “(...) não se sabe ao certo quando essa linguagem surgiu, mas sabe-se que há claramente uma relação entre o *pajubá* e a cultura africana, numa costura iniciada ainda na época do Brasil colonial”. Com origem no *iorubá*, o *pajubá* é uma linguagem adotada pelas travestis e parte da história e cultura do movimento LGBT. Mas para que nada se perca, haverá um pequeno glossário ao final deste trabalho com alguns significados que possam ajudar a quem precisar.

As linhas escritas a seguir são extensões de mim, do meu corpo e são as percepções diante dos meus processos pessoais, podendo assim não estar de acordo com a opinião de quem lê este trabalho. Preciso ressaltar que este trabalho é sobre mim, sobre o que aprendi até aqui e o que me transforma e forma o meu trabalho, voltada a uma universidade ainda em sua maioria branca cis hétero que muito provavelmente não está inserida na minha luta. Para ser bem sincera eles nem queriam que eu chegasse até aqui, mas aceitem que eu cheguei. E quando eu falo de mim, não estou falando apenas por mim, mas eu sou mais uma *byxatravesty* (branca; entende-se *privilégio*) que vai receber um diploma. Mais uma entre muitas que estamos sendo formadas diariamente, na universidade pública ou na faculdade da vida, resistindo a um *cistema* que nos mata todos os dias, seguimos vivas e concluindo novos ciclos. Este é mais um para mim e minhas irmãs de luta. Este trabalho é de mim para elas.

Também quem resolver ler este trabalho e a quem mais interessar possa, aqui é o meu registro acadêmico de vivências que tive desde a graduação até agora, onde encerro finalmente essa etapa que me custou muita saúde mental, a qual sinto grande falta e adoraria recuperá-la antes de me jogar de vez nesse mundão atrás dos meus sonhos. Isso é algo que a universidade nunca vai poder tirar da gente, os *sonhos*. Eu tenho muitos deles.

Vários. Sigo realizando aos poucos, mas sigo. A universidade foi um sonho, mas também foi pesadelo e dele já cansei.

Estamos questionáveis a tudo na vida. O que relato a seguir são minhas impressões atuais, completamente diferentes das que já tive um dia e provavelmente moldáveis ao futuro. As ideias vêm e vão, elas mudam, precisam se renovar. A gente precisa sempre reciclar nossa mente para não ficarmos presos ao tempo com pensamentos retrógrados. Precisamos seguir evoluindo.

Para início de conversa, preciso chegar em lugares mais específicos numa tentativa de desenrolar "nós". Eu acredito que existem coisas na vida que não precisam ser explicadas, mas vividas, presenciadas. Como explicar o que é *performance* ou o que é *drag queen*? Eu digo que a resposta não está nas palavras, mas em suas ações ou apenas por serem o que são. E ainda assim acredito que formalidades e academias jamais serão suficientes pra descrever a preciosidade e complexidade do que são essas Artes, Arte performativa, *performance* de gênero, Arte, *performance* e gênero.

Através das minhas *performances* busco realizar trabalhos que reverberam atitudes cotidianas como críticas sociais às mais diversas situações que tenho vivido desde que assumi uma identidade *não-binária*. Como eu crio minha *performance* de gênero baseada na performatividade *drag*? Como eu utilizo meu corpo como linguagem? Como eu utilizo meu corpo como *performance*? Ainda reúno ao final deste trabalho registros e lembranças que ajudam a construir essa história que escrevo aqui e a partir de hoje, inicia uma nova etapa.

CAPÍTULO 1

1.1 O que é *performance*?

No sentido dicionarizado,

"(...) a palavra *performance* vem do verbo em inglês "*to perform*" que significa realizar, completar, executar ou efetivar. Em muitas ocasiões é usada no contexto de exposições em público, ou quando alguém desempenha algum papel no âmbito artístico, como um ator, por exemplo."

Ainda numa explicação mais direta "na década de 1960, a *performance art* ou *performance* artística surge como uma modalidade de manifestação artística interdisciplinar que - assim como o *happening* — pode combinar teatro, música, poesia ou vídeo, com ou sem público."

Se existe uma pergunta de difícil resposta é "o que é *performance*?". Afinal, *o que é performance*? Talvez o que mais me incomoda nessa pergunta seja a necessidade de definir algo. Algo que eu mesma não consigo definir. Quem sou eu pra dizer o que é *performance* ou deixa de ser? *Performance* é tudo? Se *performance* pode ser tudo, quem vai dizer se uma *performance* é *performance* ou não é?

Eu sozinha jamais conseguiria responder essas perguntas, então, busco ajuda da *performer* e pesquisadora Eleonora Fabião através de seu texto "*Performance e Teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea*". Para começar, Eleonora cita "*17 histórias de performances ou 17 cenas verbais*", mas eu citarei apenas algumas dessas 17 na busca de ajudar quem ler este trabalho a entender o que pode vir a ser uma ação performativa:

"(...) Primeira: a história do homem que empurrou um bloco de gelo pelas ruas da Cidade do México até seu derretimento completo. Segunda: A história do homem que introduziu uma boneca Barbie no ânus e, com controle de sua musculatura anal e abdominal, expeliu-a lentamente na frente de uma audiência. Ou daquele que construiu uma cela de prisão em seu apartamento/*studio*, trancou-se nela por um ano (365 dias e noites) e não leu, não falou, não escutou música, não comunicou-se com ninguém. Contratou alguém para levar-lhe comida bem como um advogado para testemunhar o feito e guardar a chave. Permitiu visita pública de três em três semanas, num total de 18 vezes ao longo do ano. (...) A mulher que, no Centro do Rio de Janeiro, colocou frente à frente duas cadeiras de sua cozinha, descalçou os sapatos, sentou-se, escreveu um cartaz a frase

"converso sobre qualquer assunto" (ou "converso sobre saudade", "converso sobre política", "converso sobre amor"), exibiu-o. E, por sucessivas manhãs, conversou com diversas pessoas sobre assuntos diversos. A mulher que convidou os espectadores a usarem nela, enquanto se manteve passiva por seis horas, inúmeros objetos, dentre eles uma rosa, uma pistola, uma bala, tesoura, mel, correntes, caneta, batom, uma câmera *polaroid*, faca, chicote (os objetos puderam ser utilizados livremente e a *performer*, que se definiu como objeto, assumiu plena responsabilidade pelos atos dos "espectadores" que chegaram a brigar entre si já que alguns queriam feri-la mortalmente e outros os impediram). (...) A história da mulher que se submeteu a nove cirurgias plásticas combinando em seu rosto traços de cinco beldades da pintura ocidental: o nariz de Diana (por ser insubordinada aos Deuses e aos homens), a fronte de Monalisa (a mulher algo homem), o queixo de Vênus (a Deusa da Beleza), os olhos de Psyche (referência de vulnerabilidade) e a boca de Europa (a aventureira) (2008, p. 1)

Aqui Fabião cita ações performativas realizadas respectivamente pelos artistas Francis Alÿs, Denis O'Connor, Theching Hsieh, (a própria) Eleonora Fabião, Marina Abramovic e Orlan. Em seguida, ela afirma que

(...) a força da performance: (busca) turbinar a relação do cidadão com a polis; do agente histórico com seu contexto; do vivente com o tempo, o espaço, o corpo, o outro, o consigo. Esta é a potência da performance: (...) buscar maneiras alternativas de lidar com o estabelecido, de experimentar estados psicofísicos alterados, de criar situações que disseminam dissonâncias diversas: dissonâncias de ordem econômica, emocional, biológica, ideológica, psicológica, espiritual, identitária, sexual, política, estética, social, racial... (2008, p. 3-4).

Eleonora Fabião diz ainda que "(...) *performers* são, antes de tudo, complicadores culturais". (2008, p. 4) Fabião prossegue com sua reflexão e afirma que os *performers* são

(...) Educadores da percepção, ativam e evidenciam a latência paradoxal do vivo - o que não pára de nascer e não cessa de morrer simultânea e integradamente. Ser e não ser, eis a questão; ser e não ser arte; ser e não ser cotidiano; ser e não ser ritual." (2008, p. 4).

Penso que a *performance* pode ser tudo ou nada, pode ser e não ser, arte ou não. Na verdade, a *performance* pode ser tudo aquilo que não conseguimos definir por algum motivo, aquilo que não podemos

explicar/entender. Tampouco acho que se realiza uma *performance* esperando um resultado, mas sim para poder expressar algo.

Através da *performance* eu quero expressar minhas inquietações, desejos, sonhos, medos, angústias, alegrias e tristezas, contando a minha história (sendo ela real ou fictícia), mas isso é algo que vou explicar mais à frente. Ainda sobre definir *performance* com a ajuda de Eleonora Fabião, que prefere chamar ações performativas de

"(...) *programas*, pois, neste momento, esta me parece a palavra mais apropriada para descrever um tipo de ação metodicamente calculada, conceitualmente polida, que em geral exige extrema tenacidade para ser levada à cabo, e que se aproxima do improvisacional exclusivamente na medida em que não será previamente ensaiada" (2008, p. 4).

Podemos entender que, conforme nos diz Fabião,

(...) Um programa é um ativador de experiência. Longe de um exercício, prática preparatória para uma futura ação, a experiência é a ação em si mesma. (...) uma experiência, por definição, determina um antes e um depois, corpo pré e corpo pós experiência. Uma experiência é necessariamente transformadora ou seja, um momento de trânsito da forma, literalmente, uma trans-forma. (...) Programas criam corpos - naqueles que os performam e naqueles que são afetados pela *performance*. Programas anunciam que "corpos" são sistemas relacionais abertos. (...) Se o performer investiga a potência dramatúrgica do corpo é para disseminar reflexão e experimentação sobre a corporeidade do mundo, das relações, do pensamento. (2008, p. 5).

Para encerrar o momento de definir *performances* ainda segundo Fabião, "(...) como propõem os *performers* com seus programas, o tipo de conhecimento de que precisamos no presente momento se faz nos corpos, com corpos, como criação de corpos" (2008, p. 10). Acredito que para início de conversa estamos bem assim. Por enquanto, nos contentamos em saber com Fabião que o conhecimento da *performance* pressupõe a presença de corpos e a criação. Aos poucos avançaremos mais até chegarmos aonde realmente quero.

1.2. O que é *drag queen*?

Estar “montada em *drag*” é uma expressão artística onde a pessoa (geralmente homens, mas também podem ser interpretadas por mulheres) se “traveste” de forma cômica ou exagerada normalmente para a realização de trabalhos profissionais artísticos.

A *drag queen* é a imagem exageradamente caricata da feminilidade, assim como o *drag king*, que é o mesmo, porém, através da masculinidade. Tanto *drag queen* quanto *drag king* são personagens que podem ser interpretadas por qualquer pessoa independente de gênero ou orientação sexual.

Ao longo dos últimos três anos pude experimentar e realizar diversas *performances* montada em *drag*. Nesse tempo tenho vivenciado várias relações diferentes tanto comigo quanto com quem “recebe” minha personagem.

Começamos entendendo que *drag queen* é uma personagem interpretada por qualquer pessoa que trabalhe a “personificação do feminino”, podendo ser interpretada por pessoas *cisgêneras* ou *transvestigêneres*; hétero, homo, bi ou pansexual. *Drag queen* é uma forma de expressão performativa artística, não devendo ser confundida com identidade de gênero (homem ou mulher, cis ou transvestigênera). Para Cynthia Carla, atriz e professora do Departamento de Artes Cênicas da UnB,

(...) O performer se torna uma Drag durante um período de montagem de um gênero flutuante criado para a apresentação, onde a performance de gênero sobre o feminino é uma justaposição de um gênero, o da drag, sobre o gênero do performer.” (2008, p. 44).

Ou seja, a *performer* se traveste em *drag* para a realização de seu trabalho ou *performance*. Durante esse tempo, ela é a figura *drag*, mas quando sai de cena ela volta a ter sua identidade.

Normalmente podemos encontrar essas personagens em ambientes LGBTs como boates e festas. Mas fugindo do padrão, elas também podem ser retiradas desse palco “esperado” e jogadas numa atitude cotidiana, como por exemplo, ir à pastelaria da feira comer pastel e tomar caldo de cana. Não existe

hora nem lugar certo para a presença marcante de uma *drag*, ela pode surgir em chás de bebês, casamentos ou até mesmo velórios. A *performer* que dá vida à personagem, dá vida a um novo alguém. Sua personalidade pode ser cômica ou tristonha, popular ou temida, traços que a criadora dá à sua nova *persona*.

Cyntya Carla afirma em sua dissertação "*Livros de Lilitt*", defendida na UnB em 2008, que "(...) o corpo *drag* é também o seu local de trabalho, não sendo um corpo cotidiano é um momento performático que existe de forma atemporal (2008, p. 42)". Ela ainda diz que

"A *drag* não tem a intenção de se parecer a uma mulher, ela é o extrapolamento das fronteiras do feminino e do masculino até os limites dos gêneros conhecidos, sendo assim, a identificação das *drag queens* com o gênero feminino e masculino se dá numa forma limítrofe do entre, pois ela não é identificável em nenhum destes gêneros. O sujeito na *drag* é um conceito que também pode ser questionado, uma vez que a relação entre ele e a personagem *drag queen* mistura o ato performático a vida cotidiana, influenciando sua visão sobre a própria sexualidade. As atitudes, os gestos e o próprio corpo são transformados durante as *performances* e se diferenciam das identidades pessoais em diversos aspectos. A *drag* possui características de representação de gênero, posturas e atitudes, próprias da personagem e distintas das características do *performer* "desmontado" que a compõe. (2008, p. 42)

Aqui para mim existe uma crise, pois eu entendo que a *drag* é a personagem que eu visto durante minhas apresentações e *performances*, mas ela ainda é uma extensão de mim. Ela também é linha de frente nas minhas guerras.

Quando falamos sobre *performance drag*, a primeira ideia que muitas pessoas têm é a artista que *performa* um número de dublagem com bastante "bate cabelo" na balada, ou uma personagem caricata de humor ácido com respostas rápidas para qualquer situação. Tudo isso também faz parte da *performance drag*, depende da artista *performer* que dá vida a personagem.

A minha pesquisa com *performance drag* começou depois que conheci o programa americano *RuPaul's Drag Race*. RuPaul é uma das *drag queens* mais conhecidas do mundo e com seu programa ajudou a impulsionar a cena *drag* no mundo. O programa é uma "corrida" em busca da próxima *super estrela drag da América*. Em torno de 10 a 12 *queens* competem

pela coroa, participando das mais variadas provas de figurino, maquiagem, canto, atuação e comédia para provar que possuem o carisma, a singularidade, a confiança e o talento que a apresentadora RuPaul procura. Mas atentem: o que RuPaul procura está longe das raízes do que realmente seja *fazer drag* ou *ser drag*. A competição tem o foco completamente oposto do fazer *drag* como ato político e de resistência, gerando sempre polêmicas e intrigas entre as participantes forçadas tanto pela apresentadora quanto por sua produção na edição do programa.

O impacto do programa foi realmente muito forte para a cultura *drag*, gerando bastante visibilidade e terminando por "transformar" o cenário *drag* atual. Se antes *drag queens* eram personagens caricatas de feminilidades exageradas, depois das influências de RuPaul pela busca da *drag* feminina completa (ainda cheia de imposições transfóbicas e machistas da própria apresentadora), o cenário *drag* não é mais o mesmo. As *drags* querem ser cada dia mais femininas, se aproximando bastante da imagem da mulher cis modelo de passarela. Tudo bem, eu não tenho o direito de dizer que isso deixa de ser *drag*, mas complica quando os *performers* que interpretam as personagens se acham no direito de apagar toda uma história e ignoram que *ser drag* ou *fazer drag* vai muito além disso.

Aqui eu quero afirmar minha identidade *drag* (não minha identidade pessoal, mas a identidade da personagem interpretada, ainda que não muito distante da minha). O meu *fazer drag* surge enquanto ato político. Eu não me "monto" apenas pra "dar *close*" na balada e ser grossa com as pessoas. Se você quer me conhecer montada não espere ver roupas sofisticadas ou maquiagem polida. Minha *drag* não é a modelo que você espera ver num desfile de moda. Eu vim de baixo, surgi do lixo onde fui jogada com todas as retaliações que me impediam de ser quem eu realmente sou. Eu sou uma *drag* "monstra", mas monstra mesmo. *Demônia!* Sou a união de todos os meus medos e sonhos, alegrias e tristezas. Eu sou a criatura que tentaram apagar, silenciar, esconder, matar, fingir que não existe. Mas resisti e surgi das labaredas do inferno pronta pra queimar esse "*cistema*" que insiste em se impor sobre nossas vidas e nossos trabalhos.

Claro que eu também posso fazer dublagem de divas *pop* se essa for a proposta, mas minha pesquisa enquanto *drag* é tirar a personagem desse local comum que é a balada e levá-la para o cotidiano. O que me levou a isso foi experimentar sair de casa montada para participar dos eventos. Eu não dirijo e não moro no centro da cidade, assim como nem sempre consigo uma carona para as festas e eu sozinha não conseguia carregar tudo que eu precisava para me arrumar no local do evento. O comum é eu me montar em casa e sair para tomar o ônibus até o local da *performance*. É aí onde acontece tudo o que me instiga na pesquisa.

Você provavelmente não espera, mas eu subo no ônibus montada e tomo meu assento. Tudo uma ação normal, caso eu não estivesse montada atraindo todos os olhares para mim. Querendo ou não é um impacto causado e me reverbera as mais diversas sensações desde prazer ao medo. Com a popularidade da *drag* em alta, muita gente elogia, admira, se surpreende e se diverte com a personagem demônia, mas também tem um outro lado que tenta agredir, assediar, desrespeitar.

Eu vejo muitas semelhanças com esses olhares aos que eu recebo normal e cotidianamente. Mesmo desmontada, minha identidade ainda assusta e incomoda. Eu não sou a figura que a sociedade espera que eu seja. Já começo por não ser nem discreta muito menos fora do meio. Eu me expresso através das minhas roupas, do meu cabelo, da minha maquiagem, das tatuagens em minha pele. O meu destaque é por não me adequar aos padrões construídos que continuam colonizando nossos corpos. Apenas existir nessa sociedade, no país que mais mata pessoas LGBTQs no mundo, gera incomodo e repressão. A violência nos atinge todos os dias, de diversas formas. Uma a uma. Se ontem não foi minha vez e hoje também não é, eu vivo com a certeza de que pode ser amanhã. Se não eu, minhas amigas, irmãs de luta. Mas se tentar machucar, amor... *É TU QUEM VAI PRO INFERNO!*

Em resumo, a minha *performance drag* consiste em *re-existir* e *re-criar* meu local. Com roupas feitas de sacos de lixo e retalhos de tecidos e uma maquiagem que beira a *cagação*, eu enfrento meus monstros para me tornar maior que eles, afinal não podem me assustar se eu assustá-los primeiro. Eu

vou bater de frente enquanto seja possível pra enfiar o dedo na ferida e deixar sangrar.



Figura 2

1.3 Como eu separo a *performer* da *drag*?

Quando dei vida à personagem *drag*, juntei todos os meus medos e anseios e misturei com minha vontade de expressar algo, lutar por algo. Ainda que seja só uma personagem, ela carrega muito de mim. É meu alter ego, minha outra *persona*. Mas eu preciso lembrar quem eu sou e separar a artista da personagem.

Ainda que não pareça, eu sou uma pessoa muito tímida, ao contrário da minha personagem que é desbocada, imoral, saliente e afrontosa. A personagem tem atitudes que talvez eu não tivesse se fosse apenas eu mesma num sábado a noite.

Apesar de tentar separar *performer* e personagem, não posso negar que a *drag* é tão parte de mim que às vezes se confunde. Talvez meu risco e ousadia tenham sido depositar na personagem uma grande essência de mim que permaneceu guardada por mais de 20 anos em vez de criar uma personagem completamente diferente da minha personalidade.

EU MONTADA	EU DESMONTADA
MONSTRA	MONSTRINHA
Saia de saco de lixo	Um <i>lookzinho</i> básico bem
Camisa de meia calça	<i>menina do trigo</i>
Cabelo de fita isolante	
ACELERADA	SONSA
Respostas rápidas	Reage devagar
BOCA DE SE FUDER	BONITA/ENGRAÇADA
Maquiagem de conceito abstrato (para não dizer confuso)	Um batonzinho <i>bapho</i> e às vezes uma pesquisa com sombras e <i>glitter</i>
DEBOCHADA	TÍMIDA

Às vezes eu me questiono se apenas o meu ato de existir já não poderia ser considerado *performance*? Segundo Josette Féral o *performer* "(...) implica ao menos em três operações: 1. ser/estar, ou seja, se comportar; 2. fazer. É a atividade de tudo o que existe (...); 3. mostrar o que faz (...) (ou se mostrar)." (2008, p. 200). Eu sou um corpo estranho, um corpo maldito inserido num meio que não nos quer entre eles. Eu estou resistindo (e *re-existindo*), apenas pela minha presença não aceita, julgada e recriminada. Eu faço as minhas ações cotidianas. Tomo um ônibus, vou pra universidade e tenho minhas aulas. Concluir a graduação após seis anos é um ato de resistência enquanto um corpo marginal. Pessoa não-binária, ou uma *byxatravesty*. Branca. Sem um puto no bolso. Moradora da região administrativa do DF, Riacho Fundo 1. Seis anos usando o mesmo transporte coletivo pra conseguir estar presente. E a gente sabe como é o sistema de transporte público do DF. Precisava sair de casa com no mínimo 2 horas de antecedência pra conseguir chegar a tempo das aulas e ainda ver professor que mora em plena região de Plano Piloto, quando não dentro da própria universidade, cancelando aula sem prévio aviso porque o dia estava muito nublado para sair de casa. Acredite, universidade seria trágico se não fosse cômico. Ou cômico se não fosse trágico, tanto faz.

Eu acredito que estar na universidade se torna um ato político, enquanto ela é um lugar que não se importa com a sua saúde mental, espera que você tenha um poder aquisitivo que muitas vezes você não pode suprir. Ou tiro *xerox* do texto ou almoço no RU e agora com o aumento de preço do restaurante, a gente vira culta e devora os *textão* mesmo. Enfim, *eles* (nós sabemos quem eles são) não nos querem em suas aulas. Não aceitam bichas, travestis, mulheres, negras, pobres, mães, periféricas em suas salas de aula, mas nós ocupamos porque esse espaço é nosso por direito. A gente ocupa e resiste igual. Vai ter que aturar que essa travesti vai receber seu diploma.

1.4 Até onde vai a *performance*?

Minha *performance* começa quando eu ponho o pé pra fora de casa e estou montada. A partir desse momento tudo pode acontecer como também pode não acontecer. A atuação é reagir a tudo que venha a acontecer perto de mim, desde a forma como eu me relaciono com os outros ou sozinha até as ações que eu venha a *performar*.

A *drag* não difere muito de qualquer outra personagem de Nelson Rodrigues ou William Shakespeare. Sou a atriz interpretando a personagem. A artista em *performance*.

Eu só me desligo da personagem quando estou de volta em casa e tiro toda a caracterização da personagem. Somente quando o último brilho é retirado eu me sinto novamente dona de mim. Mas será mesmo?

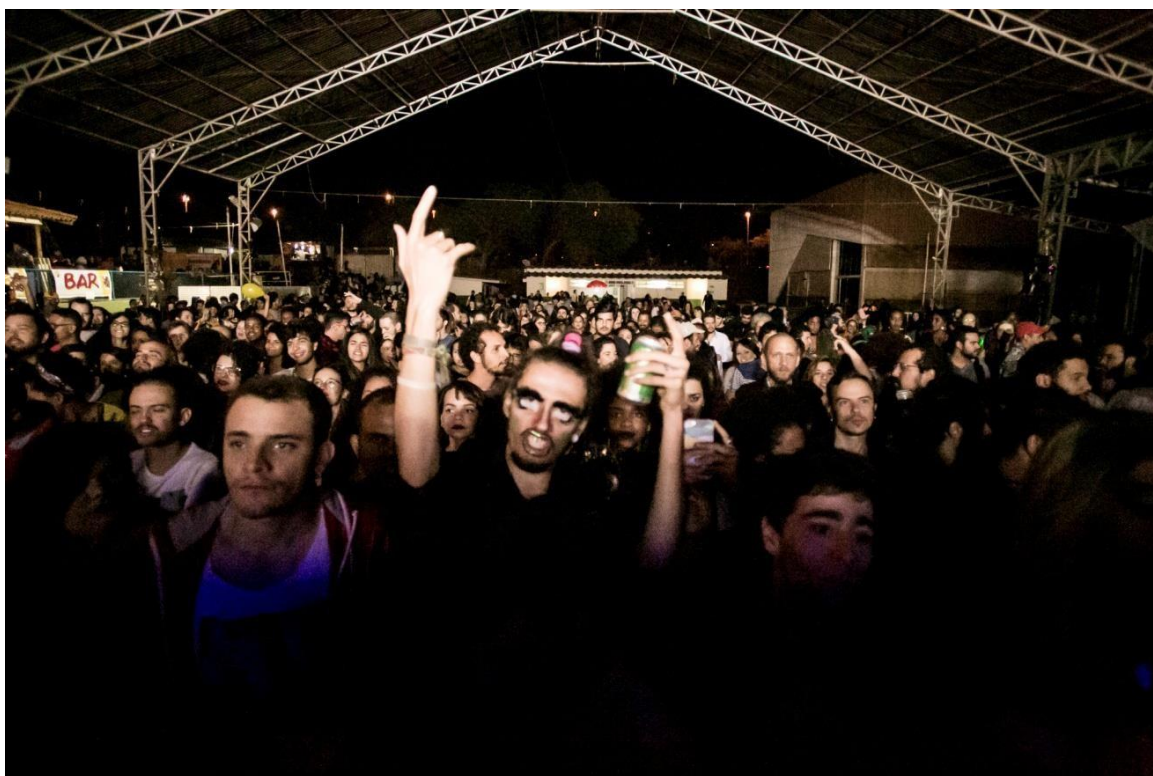


Figura 3

Quando eu estou em *performance drag* eu tento afetar o público refletindo nossa realidade em meu trabalho. Aqui surge um paralelo com a luta e a performance que acontece numa atitude inusitada do cotidiano ao ter que enfrentar um opressor, onde eu mantenho a postura que eu teria em *drag* mas, mesmo levantando a bandeira, eu estou desmontada, então sou a artista refletindo seu trabalho e pesquisa pra enfrentar uma batalha diária.

CAPÍTULO 2

2.1 O corpo como linguagem

"Os conquistadores olharam aos homens indígenas como seres selvagens afeminados por conta da sua ornamentação e às mulheres como fogosas por terem parte dos corpos desnudos. Nossos ancestrais foram vestidos com roupas estranhas à sua cultura original, cortaram os seus cabelos para diferenciá-los entre homens e mulheres e não permitiram, tomando-as por aberração, todas as práticas intersexuais que produziam alterações à moralista mente espanhola." (PERRA, 2014, p. 2)

Para mim, gênero é uma imposição cobrada para continuar rotulando todo mundo. Você nasceu com um pênis, então, você é homem, vai ser treinado pra ser cabra macho; gosta de azul, brinca de carrinho e joga futebol, mas se você nasceu com uma vagina você é uma mulher que vai viver em função de servir um homem no futuro; gosta de rosa, brinca de boneca e assiste novelas. Homens são brutos, mulheres são frágeis. Homens tem várias mulheres, mas a mulher deve servir somente um único homem. Tudo isso são imposições enfiadas em nossas gargantas desde o nascimento, o primeiro dia de aula, o fim da faculdade, pelo resto da vida até o último suspiro no leito de morte. Uma sociedade que espera que você se encaixe na imagem que ela acredita que melhor te represente.

A professora e artista Tertuliana Lustosa diz em seu "*Manifesto Traveco-Terrorista*":

(...) As formas de apagamento de corpos fora do binarismo homem-mulher se dão por meio de uma constante tentativa de adequação dos corpos trans ao regime político da heteronorma antropocêntrica. A alçada sobre a questão de gênero construiu na ideia de sexo biológico e, muito marcado por essa colonialidade, o conceito de transexualismo concebeu-se, na medida psiquiátrica, pela perspectiva de que algumas pessoas são patologias que necessitam de correção por métodos de intervenção corpórea." (2016, p. 391)

Durante muito tempo eu tive meus galhos podados para ser a imagem que a sociedade esperava de mim. Eu tive que esconder meus sentimentos, esconder quem eu era para poder ser aceita num meio que me discriminava diariamente e continua discriminando até hoje. Enquanto crescia ouvia coisas

como "rebola menos", "fala igual homem", "o que seu pai vai dizer se te ver brincando de boneca?" Tudo isso foi uma tentativa para me transformar no homem ideal, no homem que meus pais deveriam esperar que eu fosse, no homem que a sociedade continua esperando que eu me torne. Eu escolhi não assumir a identidade esperada por essa sociedade para que fosse minha, mas eu assumo a minha identidade enquanto quem eu sou; enquanto essa figura que causa estranhamento e desconforto.

Eu só quero a liberdade de poder ser quem eu sou, sem precisar me esconder ou sofrer represálias. É importante rompermos as correntes que nos prendem numa caixinha que não nos pertence. É preciso sair do armário, se reconhecer e não ter medo de existir. Eu bato de frente diariamente para assumir a minha identidade, para impedir que eu seja apagada nesse *cistema* colonizador e binário de corpos.

O risco em assumir a minha identidade é real. Sair de casa sem saber se volta, porque no caminho pode aparecer aquele cidadão de bem que acha que estou ferindo sua moral só porque estou usando um vestido ao invés de calças. Todos os dias, alguém morre apenas por existir, por assumir sua identidade. Se ainda não morremos, já fomos agredidas, violentadas de diversas formas; se não fomos nós, foram nossas irmãs, nossas amigas. Infelizmente ainda vivemos numa onda de preconceito e intolerância muito forte, mas seguimos lutando pelo nosso direito de estar inserida na sociedade. Ainda que não queiram nossa presença, resistimos.

É chocante assumir sua identidade e sair de casa. As pessoas te olham de várias formas, te ofendem, te agridem, querem registrar pra passar a imagem adiante, como se tivessem visto um ser de outro planeta. Tudo o que foge do que esperam de você vai ser considerado estranho, doente, anormal. Mas é preciso muita coragem; eu mesma me sinto um alvo quando saio de casa. Eu tive que aprender a lidar com a sensação de estar constantemente sendo vigiada. Se tornou uma situação comum no meu cotidiano perceber pessoas tirando fotografias minhas, como se eu fosse uma artista famosa, uma palhaça ou uma aberração. Talvez eu seja tão fora do comum para aquela pessoa que ela sinta a necessidade de espalhar para outras como ela que seres como eu estão ganhando as ruas, estamos "*botando a cara no sol*". Da

violência mais grave tenho escapado de raspão e ainda assim sou marcada pelas feridas de quem não conseguiu escapar.

Eu utilizo meu corpo como expressão de linguagem através da minha identidade. Não querem que eu ocupe espaços, mas eu insisto em ocupá-los com meu corpo estranho; corpo maldito, corpo proibido, corpo não dócil, corpo político, “o pessoal é político”. O *cistema* insiste em tentar me apagar, mas eu resisto e sigo existindo mesmo que não queiram. Somos semente e quando uma de nós é morta, florimos ainda mais fortes.

De acordo com Tertuliana Lustosa, "(...) não há como ignorar as feridas não cicatrizadas e elas podem ser trabalhadas mesmo na dor" (2016, p. 388). Todas essas opressões que sofremos ainda hoje são rastros de uma cultura de ódio, intolerância e preconceito que nos acompanha há muito tempo. não consigo dizer quanto tempo exatamente, mas pense num tempo bem distante, mas bem distante mesmo e essa cultura já estará presente desde muito tempo antes.

"(...) Produções marginais de mendigos, putas, pretas e travestis que fraturam a universalização no "nós" brasileiro, em contrapartida, foram recorrentemente consideradas como crime, obscenidade ou falta de sofisticação e justo por não adentrarem os espaços intelectuais da sociedade brasileira, foram estrategicamente manipuladas, apagadas e distorcidas." (2016, p. 388-389)

Considero minha produção artística cotidiana marginal porque é uma produção que não se enquadra no que a *família tradicional brasileira* ou o *cidadão de bem* consideram Arte, estudos ou pesquisas. Essas pessoas, parte desse *cistema*, tentam deslegitimar meu trabalho apenas porque meu *dedo no cu e gritaria* fere sua moral e bons costumes.



Figura 4

Os comentários nessa foto mostram como a sociedade se comporta com o diferente, com aquilo que foge do comum. O meu trabalho passa a ser desrespeitado por aqueles que se sentiram ofendidos (nesse caso apenas com a imagem, já que, acredito, as pessoas que comentaram apenas viram a imagem, mas não a *performance*). Esses comentários foram feitos na página do *Facebook* da Mídia Ninja, mas eles não estão distantes dos comentários que ouço ao sair na rua. A imagem de um corpo estranho, uma figura que não se encaixa aos padrões, gera desconforto em quem tem uma mente antiquada e não consegue aceitar que as pessoas podem ser diferentes cada uma à sua maneira.

2.2 O corpo como *performance*

Atualmente faço parte de um coletivo artístico performativo teatral musical chamado *Culto das Malditas* onde o nosso objetivo é enfiar o dedo na ferida e deixar sangrar. Estamos aqui pra lembrar o que está acontecendo, vivemos no país que mais mata pessoas LGBTs no mundo e se você não se importa com isso porque não é um problema seu, nós vamos fazer questão de jogar esse problema na sua cara pra te fazer pensar e refletir em cima disso. Ou você é um aliado ou você apoia a nossa morte, não tem como ficar em cima do muro em relação a isso. Eu não posso esperar que uma pessoa que nunca sofreu nenhum tipo de preconceito na vida saiba como é sentir isso, tampouco desejo que sintam isso porque ninguém merece passar por essas situações. Basta ter um pouco de empatia e abrir a mente, a visão para o que acontece ao seu redor. Nós sempre existimos e sempre sofremos violência. É preciso parar de fechar os olhos pra isso. É preciso enfrentar, ainda que não seja a luta em que você está inserida, basta ter empatia pelo próximo.

Nós decidimos formar esse coletivo exatamente porque estamos cansadas de todos os dias sermos agredidas e vermos nossas irmãs de luta morrerem. Somos "*byxa mulher travesti viado não-binária mostra pra frentex dos infernos maldita drag babadeira dos vogue das caralha toda*". Ninguém quer escutar o que temos a dizer, mas nós vamos gritar e irão nos ouvir ainda que fira seus sentimentos. Nós somos feridas todos os dias, um tapa na cara do opressor não dói tanto quanto nos calar diante das situações que tiram nossas vidas. Se não querem nos ver, estaremos lá. Se não querem nos ouvir, estaremos lá. Se não querem que ocupemos locais, estaremos lá. Expondo toda a violência que sofremos diariamente, expondo o preconceito, a intolerância, o fascismo que nos cerca. A gente se juntou para incomodar, jogar a merda no ventilador e queimar o *cistema* com o "fogo de nossos cus". Nossos corpos continuam sendo apedrejados, queimados, arrastados, assassinados das mais brutais formas. Por isso se faz tão importante nossos corpos presentes em cima do palco e principalmente fora dele para lembrar que seguimos lutando pela nossa sobrevivência, para não sermos mais uma levada pela chacina da história.

Sou um desvio, um corpo político que saiu do caminho da produção e, para Lustosa,

(...) Há hierarquias entre os próprios corpos desviantes, de modo que há corpos trans que por sua cor, por seu local de origem, por suas condições socioeconômicas aproximam-se mais que outros do ideal de privilégio." (2016, p. 391)

No *Culto das Malditas*, eu sou um corpo entre outros corpos também expostos, também estranhos e marginalizados, fetichizados. Somos diversos corpos estranhos entregues às labaredas de quem nos condena, mas "queimando" o *cistema* que sempre tenta nos matar. Nossos corpos tantas vezes apedrejados também são desejados pelas mesmas mãos que atiram as pedras. Ao mesmo tempo que existe o desejo de possuir esses corpos, também existe a "repulsa" pelo pecado em consumir os corpos. Como é hipócrita a sociedade! O cara casado, pai de família, cidadão de bem que apoia a violência contra pessoas LGBTQs é o mesmo cara que cria um perfil sem rosto em aplicativos de relacionamentos LGBTQs. Ele leva uma vida dupla onde publicamente é defensor da família (homem, mulher e filhos), mas quando ninguém está olhando ele procura prazer com outros homens ou com travestis. Tertuliana Lustosa cita a seguinte afirmação de Judith Butler:

(...) a ideia de gênero é complexificada como algo potencialmente fluido, porém socialmente construído, cultural, performativo e sistêmico. A ideia de "performatividade" associa-se, segundo a autora, à relação entre o sujeito e a sociedade através do discurso." (BUTLER, 2003) (2016, p. 391)

"Em nome de Deus" eles são contra o que chamam pecadores, mas pra realizar seus fetiches despem-se de seus preconceitos e se permitem explorar o que tanto foi e continua sendo, repreendido.

A sociedade está o tempo todo tentando nos dizer como devemos performar. Numa incansável busca por rótulos ela exige que nós entremos em caixinhas construídas para nos identificar: *seres estranhos*. Meu gênero flui, me leva a lugares de dúvidas e estranhamento. Serei homem ou mulher? Para alguns sou muito homem para ser mulher; para outros sou muito mulher para ser homem; mas também não posso ser travesti porque ainda não iniciei a

transição; mesmo se fosse apenas *gay* sou afeminado demais para agradar ao gosto desses machos *discretos e fora do meio*. Eu estou passeando por todos esses lugares, mas ainda não consegui me encaixar em apenas um, o que pra mim está ótimo mas a sociedade ainda não consegue entender.

Não entrarei na questão de relacionamentos mas acredito na afirmação que diz “afeto é um privilégio cis”. Houve uma grande mudança em meus relacionamentos depois que assumi um gênero fluido. Quando eu ainda me identificava um homem cis homossexual, ainda que afeminado, era fácil trocar afetos, sentir -me desejado. Hoje enquanto essa pessoa não-binária ou, como prefiro me reconhecer: *byxatravesty*, sinto que o afeto tomou outra forma. Erotizada, eu não nasci para amar. Sou brinquedo *pra* pai de família usar quando está cansado da rotina. Isso tudo são construções sociais que estamos tentando derrubar. Por isso eu peço, nos amem. Não sintam vergonha em amar pessoas trans.



Figura 5

2.3 *Performance drag* na militância

Depois de entender a arte da *performance* e perceber o quão necessária ela pode ser, comecei a explorar o caminho da resistência através da minha existência, por isso talvez eu goste tanto do trocadilho *re-existir* (resistir + existir). A minha existência não é aceita tão facilmente, mas eu sigo resistindo, dando a cara pra bater apenas pelo meu direito de ir e vir, de ser quem eu sou. O meu objetivo enquanto uma “maldita”, é enfiar o dedo na ferida mesmo; é esfregar nosso sangue derramado no caminho de quem nos mata. A violência aumenta todos os dias e ninguém se preocupa em expor isso. Eu estou aqui para expor isso, nós *MALDITAS* estamos aqui pra reivindicar nosso direito a existirmos.

É muito fácil achar que estamos ganhando espaço porque a novela do horário nobre tem personagens LGBTs, mas na verdade quem interpreta os personagens, na maioria das vezes, são pessoas héteros cis que nunca viveram uma situação LGBTfóbica na pele, que não têm noção de que nossas vidas vão muito além de um estúdio cenográfico, onde tudo é criado para “manipular” a imaginação de suas espectadoras. Quero dizer que podemos considerar um avanço ganhar espaço nas mídias, mas será que esse espaço realmente é nosso? Por exemplo, a maior parada do orgulho LGBT da América Latina (que acontece em São Paulo todos os anos) tem como rainha da parada a cantora hétero cis Anitta. Agora eu questiono se a melhor pessoa para representar nossa comunidade, nossa luta e nossa história não seria uma pessoa que viva em sua trajetória o que é ser uma pessoa LGBT?

Nós sabemos onde o nó aperta, vivemos isso diariamente, sabemos exatamente pelo que estamos lutando que vai muito mais além do que apenas ganhar dinheiro, receber patrocínios e fingir se importar com algo que na verdade não lhe interessa. É por isso que estamos aqui. É por isso que EU estou aqui. A esta altura acredito que você já tenha entendido sobre o que se trata este trabalho, sobre o que se trata o meu trabalho enquanto artista e qual meu objetivo enquanto *performer*. Eu quero ser a representação do que precisamos hoje, quero ser porta-voz da luta que divido com minhas irmãs e, se possível, alistar cada vez mais e mais pessoas que dividam essa mesma

gana por viver sem temer; viver sem medo de assumir suas identidades. Eu expresso através do meu trabalho toda a revolta consumida por essas pedras que jogam em nossos corpos e caminhos. Sobre o corpo, Lustosa nos apresenta uma importantíssima e necessária reflexão: "(...) O corpo como arma. A palavra como gatilho." (2016, p. 407). Se a Arte leva a pensar, eu quero te levar a refletir através dessas problemáticas que não estão distantes de ninguém. Basta olhar para si mesmo, dentro das casas, nas famílias. Para Lustosa "(...) O *traveco*-terrorismo, a despeito das censuras do academicismo, autodeclara-se como arte brasileira em guerra pela sobrevivência. (...) No Brasil, 35 anos é a expectativa de vida da travesti." (2016, p. 395)

Eu recém completei 25 anos de idade. Um quarto de um centenário. Quando criança eu queria viver pra sempre, hoje eu só quero não ser mais uma nessa estatística de morte causada pela intolerância. Definitivamente, eu não tenho certeza se daqui a 10 anos estarei aqui relendo este trabalho. Como você se sentiria sabendo que sua vida está ameaçada e que, provavelmente, você não chegaria a viver nem 40 anos?



Figura 6

2.4 A performance de gênero baseada na performatividade *drag*

Quando eu comecei a me montar, explorei minha feminilidade que sempre esteve escondida por questões sociais. Eu aprendi que gênero nada mais é do que a nossa identidade, independente de masculino e feminino, somos todos da mesma raça; da mesma espécie. Somos HUMANOS. Foi quando entendi que minha identidade precisava ser construída por mim e não pelo *cistema* binário de gênero imposto. Comecei então a fluir entre a feminilidade que me afluía e a masculinidade que carregava desde meu nascimento quando fui vestida de azul para ser identificada como menino. Poder colocar tudo isso para fora foi uma experiência libertadora. Troquei as calças *jeans* por *shorts* curtos e saias rodadas, troquei as camisas e bermudas por vestidos. Meu armário ainda está em transformação, mas as mudanças não foram apenas em meus trajes e vestuário, mas em minha alma.

Eu sou uma pessoa sensível, apaixonada, mas ao tentar me encaixar na figura do "homem que não chora" e no homem que "só pensa com a cabeça do pau", eu deixei de lado quem eu realmente sou. Fazer *drag* tem sido uma terapia para poder resgatar minha feminilidade e deixá-la florescer. Talvez por isso eu sinta minhas personagens *drags* tão próximas. Elas são uma extensão da minha identidade. Numa tentativa de criar uma personagem fictícia para a realização de alguns trabalhos, encontrei o meu verdadeiro eu escondido num cantinho, esquecido. Eu sempre estive aqui, mas o *cistema* tentou me transformar na sua imagem ideal, ainda bem que eu nunca quis pertencer ao comum ou ao que esperavam de mim. Infelizmente nunca vou saber o que é viver sem medo de ser quem é, porque ainda que estejamos vivas, todo dia um atentado diferente é o ponto final para uma de nós. Sobre o medo, o terror cotidiano, Lustosa aponta que

"(...) O terrorismo daquela pessoa que o senhor chama de *traveco* é uma posição filosófica de escavamento das suas frequências não-binárias e também uma não aceitação dos modos de vida cisgênera como verdade única. Terrorismo como uma desfeitura (sic.) das armas coloniais através do erro, da desordem e da produção de uma contraconduta que incomoda, que agride, que é bombardeada, porém, que resiste. Terrorismo porque somos radicais sem que precisemos reproduzir preconceitos do senso comum." (2016, p. 398)



Figura 7

2.5 Vivendo acompanhada pelo medo

Eu sinto que devagar e aos pouquinhos temos caminhado bastante, mas sempre existe o medo pelo retrocesso. Nós começamos a ocupar todos os espaços, mas isso ainda é uma luta diária porque ainda tem muita intolerância numa sociedade que insiste em apedrejar Genis e Dandaras. É sempre importante lembrar que o Brasil ainda é o país que mais mata pessoas LGBTQs no mundo e isso é um problema muito grave. Nós estamos morrendo apenas por existir. Nos matam porque não conseguem aceitar que tenhamos os mesmos privilégios que gente cis hétera; nos matam porque não aceitam que sejamos parte de suas famílias; parte da sociedade. É muito triste viver consciente que a qualquer momento nossas vidas podem ser interrompidas por causa do preconceito e intolerância, mas é preciso resistir e existir. Se já estamos condenadas pela nossa identidade, vamos expor a violência, jogar os fatos na cara do *cistema*, uma atitude estética de existência e de resistência. Sobre isso, Lustosa afirma que:

(...) Quando uma travesti transita pela cidade o seu corpo incomoda ao olhar e é constantemente violado, seja por meio do desrespeito da sua identidade, seja através de agressões morais ou físicas. (...) o efeito de um corpo em desajuste com a construção cisgênera do binarismo produz uma reação de revolta (...) corpos que, pela sua *performance* ou mesmo pela sua performatividade, precisam ser aniquilados assumem o protagonismo, atuam em clandestinidade, proliferam-se sem autorização nem suporte material. (2016, p. 400-401)

Em fevereiro de 2017, a travesti Dandara dos Santos foi espancada e executada a tiros no bairro de Bom Jardim, em Fortaleza, no Ceará. Em maio deste ano, Matheusa Passareli foi assassinada em uma favela da Zona Norte do Rio e teve seu corpo incinerado por traficantes. Cito estes dois casos por me sentir conectada a estas duas pessoas de alguma forma.

Quando Dandara foi assassinada, eu passava férias em Fortaleza acompanhada por minha amiga e irmã Pietra Sousa. Nós duas enfrentamos alguns casos de LGBTQfobia durante este tempo, mas ao mesmo tempo nos fortalecíamos com nossas irmãs *byxatravestys monstras*. Nós não

chegamos a conhecer Dandara pessoalmente, mas a brutalidade e covardia daquele crime nos atingiu com tanta força talvez que foi como se nós tivéssemos sentido suas pauladas. Já Matheusa teve a oportunidade de conhecê-la durante o XX Encontro Nacional dos Estudantes de Artes (ENEARTE) que aconteceu em 2016 em Brasília. Theusa também era *byxatravesty*, *corpo estranho* como muitas de nós que participávamos daquele evento. Cito essas duas irmãs aqui como forma de reconhecer e homenagear suas passagens por esse mundo. Seguimos lutando por elas, carregamos hoje as histórias delas para podermos seguir escrevendo nossas histórias.

CONCLUSÕES

Fazer drag definitivamente foi o maior divisor de águas na minha vida. Diversas construções machistas foram quebradas dentro de mim, libertando minha feminilidade, me permitindo fluir entre os gêneros que estamos acostumados. Ainda que a personagem *drag* tenha suas peculiaridades, ela não deixa de ser uma extensão de mim, uma extensão do meu corpo. Assim, baseada nas minhas performatividades *drag*, venho descobrindo e criando a minha *performance* de gênero.

Eu escolhi usar o meu trabalho como forma de expressar todas as problemáticas que vivo enquanto pessoa LGBT. Ainda somos vítimas das mais diversas formas de violência. Nossos corpos tantas vezes abusados merecem reconhecimento e respeito. Não dá pra seguir calma vendo pessoas que caminham com a gente tendo suas vidas interrompidas por puro ódio, preconceito e intolerância. Nossos corpos se tornam linguagem contra esse discurso que nos mata e temos que permitir nossos corpos *performem* nossas identidades, sem medo de ser quem somos.

Após os resultados das eleições presidenciais de 2018, estamos caminhando para viver momentos difíceis novamente, reviver momentos da história que parecem ter sido esquecidos. Enquanto tentam nos negligenciar com seus discursos de ódio, ameaças contra as nossas vidas, precisamos ser fortes e nos fortalecer. Precisamos andar juntas, braços dados, unidas contra o verdadeiro inimigo: o ódio.

Eu não apenas *saí do armário*, mas eu *botei fogo no closet inteiro*. Não adianta dizer que é falta de porrada porque a gente tá apanhando todo dia e cada vez ficando mais fortes. **NINGUÉM VAI VOLTAR PRO ARMÁRIO!!!**

Minha *drag* resiste através da minha luta, com a minha *performance* de gênero. Meu corpo enquanto não aceito, sensível à intolerância. Cansada de ver minhas amigas apanhando e morrendo, sou resistência com elas. Nós existimos e precisamos ocupar os espaços e nos expressar artisticamente. Enquanto tentam nos apagar, nós precisamos nos unir e fortalecer para

continuar escrevendo nossa história e tentar estancar o sangue que derramam de nós a todo momento.

Minha *performance* é luta. Ainda que seja minha *drag*, sou eu lutando para resistir, gritando para que parem de nos matar. Minha maior arma é o meu corpo e a *performance* é minha munição, enquanto houver vida em mim, estarei lutando não só por mim, mas por nós.

Por fim, quero concluir este trabalho adaptando o “*Contrato traveco-terrorista*” escrito por Tertuliana Lustosa em seu *Manifesto Traveco-Terrorista* de 2016, afim de *dar meu nome* para seguir escrevendo esta história:

“Eu, Mia Uriellen, como estratégia de resistência e sobrevivência, dentro e fora da academia, jamais serei omissa ao centrismo euro-americano e combatente à falta de perspectivas de políticas brasileiras contra o genocídio à população trans. † Reconheço-me *byxatravesty*, corpo não-binário, gênero fluido tratada pelo feminino e ainda assim “corpo falante”, porque escolhi utilizar meu corpo como forma de expressão para levantar pautas que cotidianamente atingem a comunidade LGBT. † Reconheço minhas dimensões de *byxatravesty traveco-terrorista*, latino-americana, brasileira, nordestina, cearense, dama da noite, sereia do asfalto, rainha do luar. E também a de *byxatravesty* branca que teve acesso a privilégios muito raros em relação à quadrilha travesti. † Por fim, reconheço, principalmente, que não preciso de autorização nem de autoridade pra falar com a quadrilha inteira: estamos juntas, todas as transfiníssimas fumando maconha!”

DICIONÁRIO PAJUBÁ

Para facilitar a compreensão de quem ler este trabalho, escrevo o significado (ou o mais próximo dele) de palavras e expressões do Pajubá que usei ao longo do texto:

CAGAÇÃO: algo que não é perfeito, ou feito com delicadeza. Algo que não é polido. Por exemplo: “(...) uma maquiagem que beira a *cagação*” (p. 18), ou seja, uma maquiagem que não é bem feita, não tem um contraste certo. É uma maquiagem horrorosa, *cagada*.

RODEJÃ: o *rodejã* pode ter várias variações podendo significar desde um movimento a um acontecimento. No caso usado “(...) Somos nós quem construímos esse *rodejã* (...)” (p. 8), quero dizer que somos nós quem construímos esse movimento, ou essa história, ou essa luta.

DEDO NO CU E GRITARIA: uma forma de dizer que algo está fora de controle, ou demasiadamente descontrolado. Quando digo que “(...) tentam deslegitimar meu trabalho apenas porque meu *dedo no cu e gritaria* fere sua moral (...)” (p.24) é pelo fato de o meu trabalho enfiar o dedo na ferida e deixar sangrar.

BOCA DE SE FUDER: (p. 19) para mim é uma forma de elogio. Não sou bonita, nem engraçada, sou *boca de se fuder*. Ou seja, eu boto pra fuder mesmo.

BAPHO: algo maravilhoso, um arraso. “Um batonzinho *bapho* (...)” (p. 19), me refiro a um batom incrível, maravilhoso.

DAR MEU NOME: é uma forma de dizer que se está disposta a algo. Ao dizer que estou “afim de *dar meu nome* para seguir escrevendo essa história (...)” (p. 35), me refiro a estar disposta a escrever a história.

CISGÊNERA: é a pessoa que se identifica com o sexo designado ao nascer.

TRANSVESTIGÊNERE: termo proposto pela ativista Indianara Siqueira, refere-se aquele que está além, que atravessa questões de vestes e de gênero que,

assim como a identidade travesti, produz uma oposição conceitual concentrada à ideia de sexo biológico.

NÃO-BINÁRIA: é a pessoa que não se identifica nem enquanto gênero masculino, nem enquanto gênero feminino, mas ela flui entre esses dois gêneros. Ao contrário da pessoa binária que acaba por se identificar ou enquanto homem ou enquanto mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://www.significados.com.br/performance/> - Acesso em 26/AGOSTO/2018.
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Performance> – Acesso em 26/AGOSTO/2018.
<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html> - Acessado em 12/NOVEMBRO/2018.
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/estudante-da-uerj-desaparecido-foi-assassinado-em-favela-da-zona-norte-do-rio-conclui-policia.ghtml> - Acessado em 12/NOVEMBRO/2018

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2003.

DE PERRA, Hija. *Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma*. Revista Periódicus, v. 1, n. 2 (2014)

Enem 2018 - Prova Amarela - Pergunta 31

FABIÃO, E. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. **Sala Preta**, v. 8, p. 235-246, 28 nov. 2008.

FERÁL, J. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. **Sala Preta**, v. 8, p. 197-210, 28 nov. 2008.

LUSTOSA, Tertuliana. “Manifesto traveco-terrorista”. Concinnitas (UERJ), ano 17, vol. 01, nr. 28, setembro 2016. (<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25929/18560>)

SANTOS, Cyntia Carla Cunha. **Livros de Lilitt : processos de construção de um corpo performático**. Dissertação (mestrado)—Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais, 2008.

ANEXOS

REGISTROS DE FIGURAS

A seguir compartilho registros de vida, cotidiano e *performances* apenas como forma de ilustrar a imaginação de quem ler este trabalho, para ajudar a entender melhor minhas pesquisas e trabalhos.



Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 15

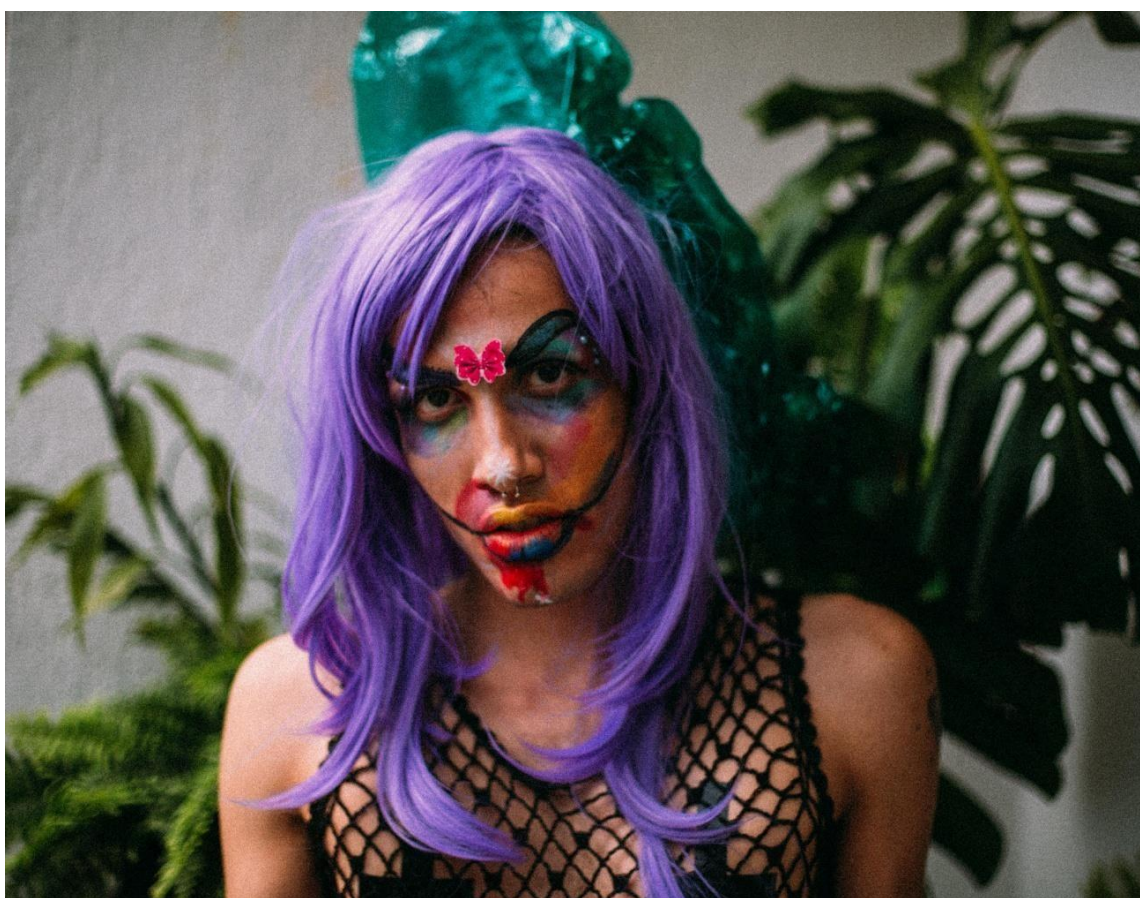


Figura 16



*Deusa de assombrosas tetas
Gotas de leite bom na minha cara
Chuva do mesmo bom sobre os caretas*